



**OUR 2 LADYS
OF COPACABANA**

**OUR 2 LADYS
OF COPACABANA**

PRINCESINHAS

*“Essa é a história de uma princesinha carioca
que precisa se inventar um fantasma para
poder se encanalar...”*

Vincent Cassel

PRINCESINHAS

Um longa-metragem escrito por Juliana Reis e Felipe Sholl, a ser dirigido por Juliana Reis.

Tudo está acontecendo muito rápido na vida de BIANCA. Criada longe do caos urbano, num condomínio afluente da Barra da Tijuca, ela se casa com ANDRÉ, jovem negro de classe média baixa, e vai morar num prédio coalhado de gente no coração de Copacabana. Ao mesmo tempo, precisa lidar com a vida de casada, a assustadora e atraente desordem do seu novo bairro, o fantasma da antiga moradora do seu apartamento, uma garota de programa da Help, e suas próprias fantasias sobre a mulher que ela gostaria de ser.

INTENÇÕES

Falar dos velhos arquétipos ligados à sexualidade feminina. Eis o motor que impulsiona o meu desejo de contar esta história.

No panorama atual, organizações da sociedade civil como a DaVida despontam como alternativas à visão “bem pensante” da dicotomia Mãe de Família X Prostituta, ou até Mulher Emancipada X Mulher Explorada. À mulher de hoje, tudo é permitido como escolha, inclusive a ambigüidade. As revistas celebram as arrivistas que expõem o DNA de sua prole por dinheiro; o cinema, a mulher que soube não se deixar aprisionar pelo ideal da maternidade. As sarjetas estão lotadas de barrigões; e turistas vem à Help, em busca de uma mulher brasileira, tida por eles tanto naturalmente dotada de uma sexualidade acentuada, como fora do esquema de competição com o sexo dito ‘forte’. Com esta mesma mulher com a qual ele estabelece um comércio sexual, ele quer se casar, o que eleva seu status como mais respeitável no escopo das

velhas e boas tradições familiares. E no meio disso tudo, cresce o número de sexshops para um público exclusivamente feminino.

Na confluência de todos esses paradoxos, o meu desejo de me embrenhar no universo dessas mulheres, em busca de um novo paradigma para a sua sexualidade, me servindo de uma grande liberdade autoral.

DO FILME

O filme alia um registro realista com um ponto de vista subjetivo, flertando por vezes com uma narrativa fantástica, desviando da inclinação natural dos elementos nele reunidos ao melodrama.

O realismo fica por conta da cosmopolita Copacabana, onde se apertam um milhão de almas de diferentes origens. Mas quero ver a Princesinha do mar por outro ângulo. Ignoro o senso comum e declaro sua atmosfera lunar, boêmia, mais soturna e menos queimada de sol, como deve ser Bianca. Uma imagem azul, realista e urbana, com néons coloridos da rua no fundo do quadro.

O elemento fantástico ou mágico serve não somente como uma ferramenta narrativa, mas também como uma metáfora da realidade; não se limitando ao documental cru, está presente na figura do fantasma. Inicialmente um motor que empurra Bianca na noite de Copa, Diana se revelará cada vez mais um fantasma subjetivo que força Bianca a lidar com suas fantasias e desejos. Do contraste entre ambas sobressaem

nuances da sexualidade feminina: a prostituta, com a repulsa e a atração que essa figura exerce nas mulheres; e o seu avesso, a mãe de família.

O todo é embalado numa trama narrativa de investigação, sob um tom subjetivo e uma câmera fluida, do olhar voyeur dessa princesinha, ao mesmo tempo plácido, lúdico que nunca julga, mas apenas filtra a realidade pela ótica de um observador contemplativo e fundamentalmente feminino.

Juliana Reis



SINOPSE

PRINCESINHAS é um filme sobre uma jovem mulher, confrontada ao mesmo tempo com uma nova vida, um choque de realidade e dois fantasmas: um, daqueles de cinema, concreto, de carne e osso. O outro, mais subjetivo e assombrado, que cresce dentro dela.

BIANCA se casa com ANDRÉ, jovem de 29 anos de origem modesta e natureza ambiciosa, e deixa o condomínio chique da Barra, onde cresceu com seus pais, isolada e protegida do caos urbano. O jovem casal se instala em um “quarto e sala” de Copacabana.

Nesse apartamento, antes deles, viveu DIANA, uma garota de programa, frequentadora da boate Help, que se suicidou ao ser abandonada por DIDIER, gringo por quem se apaixonou e que representava para ela a chance de ir embora para longe daqui. Os elementos aí reunidos levariam naturalmente ao melodrama, não fosse a intenção de desviar para outros rumos e gêneros.

André, para vencer mais rápido, aceita frequentes viagens de trabalho, das quais

ele só pensa em voltar para se aninhar no corpo de sua esposa. Bianca, ao contrário, tem medo de não dar conta do apetite do marido e perde o sono temendo que, se ela não aprender a gostar de sexo, seu casamento não dure. Ao descobrir a existência pregressa de Diana em sua casa, ao mesmo tempo curiosa e travada, ela se lança numa espécie de investigação sobre as circunstâncias da morte da “puta apaixonada” que a levarão ao mundo da noite de Copacabana, povoado por prostitutas e turistas sexuais, guiada pela mão fantasmagórica de Diana, assim como por seu próprio desejo de ser uma mulher diferente da que aprendeu a ser.

E se, após assistirmos a trajetória de Bianca, movida em nome da perenidade de sua vida amorosa, ao final, nos perguntarmos se o fantasma de Diana realmente existiu, coroaremos as intenções narrativas do filme de subverter um clássico triângulo em algo mais “feminino”: Bianca é assombrada pelo fantasma de Diana; ou, talvez, Diana seja simplesmente a encarnação do seu próprio

desejo de uma sexualidade mais livre; Talvez Bianca tenha inventado Diana, por amor, para poder se autorizar sair por ai e ver como é que é...



PERFIL DOS PERSONAGENS

BIANCA cresceu na Barra, bairro de classe média alta do Rio, famoso por seus condomínios residenciais, alguns deles praticamente auto-suficientes, com escolas, shoppings, e tudo o mais necessário para que as crianças nunca se aventurem na selva urbana. Essa foi a infância de Bianca. Agora, aos 23 anos, tem um pai falecido que deixou dívidas como herança. Depois de um longo romance com André, cinco anos mais velho e de origem bem mais humilde, eles se casam (para o mal dissimulado desgosto de Heloisa, sua mãe) e se mudam para um prédio “vinte por andar” em Copacabana. Para Bianca, o contraste entre o antigo e o novo não é tão dramático a princípio. Ela nunca foi muito ligada em coisas materiais, sempre se imaginou trabalhando com artes e vivendo com pouco. Bianca adora desenhar croquis que ela nunca mostra para ninguém, e que servem de base para colagens, guardadas a sete chaves nos muitos cadernos empilhados em fundos de

gaveta. Ela presta serviços em francês, língua na qual é fluente, e prepara um diploma de tradução simultânea. Apesar de ter tido uma vida protegida com os pais, gosta de se relacionar com pessoas diferentes e tem uma mente aberta, lúdica e curiosa. O seu problema com o novo bairro é o excesso de gente, o barulho, a bagunça.

ANDRÉ teve uma criação bem diferente de Bianca. Nasceu e viveu toda a juventude no subúrbio, em uma família humilde. Desde pequeno, tinha um plano claro para construir sua vida - e por enquanto esse plano está dando certo. Morar em Copacabana, para ele, é um sonho de ascensão social. Atualmente, ele trabalha num escritório de contabilidade onde é considerado um profissional promissor. Ele tem uma personalidade terre à terre, bem diferente de Bianca, contemplativa, e é desse contraste que a relação dos dois se fortalece. André tem uma visão muito simples das coisas, o que oferece um contraponto harmônico à complexidade sofisticada e frágil de Bianca.

André é negro, tem 29 anos, é lindo de morrer e adora sexo.

DIANA é a antiga moradora do apartamento dos dois. Quando a história começa, ela já está morta. E como um bom fantasma, é mostrada de maneira propositadamente enigmática. Pouco se sabe sobre a ela, além do fato de ela ter sido uma prostituta que se matou por amor. Menos ainda se deixa conhecer sobre suas motivações. Diana encarna a imagem típica da menina brasileira, mas também, das estatísticas do tráfico de mulheres. A partir da investigação de Bianca recompomos a sua história com Didier, plena de prazer e de (falsas?) expectativas.

DIDIER é um “gringo do bem, com uma alma de negão”, um perfeito contraponto à idéia do bon sauvage . Apesar de possuir com o Brasil laços familiares (sua mãe é brasileira, assim como a tia, D. Júlia, que ele primeiro vem visitar), ele não ficou impune às predisposições que todo estrangeiro divide com um turista sexual:

a de pensar o Rio de Janeiro, como porto de emoções e sensualidade, e a brasileira como naturalmente dotada de uma sexualidade acentuada. Com Diana, ele viveu o idílio e o calvário do *cultural crash*, que o levou desenvolver uma violência nada civilizada para um francês.

PATRÍCIA é uma prostituta, no sentido clássico do termo. Com a consciência de o ser, e de seu papel social. Ela não tem ilusões e seu sonho se limita a, quem sabe, encontrar um gringo para se aposentar. Ainda que, e como estamos no Brasil, ela faça crédito aos clientes estrangeiros, como quando conhece fortuitamente Bianca, às 3 horas da madrugada em um supermercado 24 horas.

D. JÚLIA é uma senhora simples, moderna, calorosa e intrometida. Tia distante de Didier, ela o recebeu em casa quando de sua chegada ao Brasil. Graças a ela, ele conheceu Diana em sua própria casa, tendo ela aprendido a capitalizar sobre o que restava de seus meios: o pequeno apartamento, contíguo ao seu, ela preferia alugá-lo a garotas como Diana que, não

podendo dar garantias, pagava muito mais em dinheiro vivo, e sem imposto. Dessa maneira, e como muitos outros, ela participava da economia invisível e informal do comércio sexual de Copacabana. Mas, depois das páginas policiais dos jornais sobre o suicídio da “puta apaixonada”, D. Júlia preferiu apertar seu cinto e deixar o negócio com uma agência imobiliária. Por isso, a chegada de Bianca e André ao bairro.

ELENCO

Bianca é branquinha e não iniciada nos segredos da noite de Copacabana. Mariana Ximenes empresta seu talento ao compor o personagem desta jovem mulher, propiciando um envolvimento total do espectador com a trama.

Negociações estão em curso para viabilizar a participação de Vincent Cassel (Irreversível, O Ódio, Treze Homens e um novo Segredo) para o papel de Didier.

Contatos vem sendo feitos com a população de “garotas de programa” da Help, além de coletivos da sociedade civil como a ong DaVida, para compor de maneira realista o universo das noites insones de Bianca e dar corpo e vida ao fantasma de Diana.



DIRETORA E ROTEIRISTA

Juliana Reis

Viveu na França por 15 anos, onde escreveu e dirigiu 5 curtas. LES ENFANTS DE CHARBON foi premiado com “Aides au Court-Métrage” e “Prime à la Qualité”; IMAGO representou a Kodak na noite “Chef-ops”. Dirigiu vídeos institucionais para a UNESCO e SOS Racisme. Trabalhou em roteiro, como assistente pessoal e diretora de casting para os diretores Manuel Poirier, Blanca Li, Philippe Decouflé e Luc Besson. Recebeu um prêmio pela adaptação de Cronopios y Famas, de Julio Cortázar, e subvenções do CNC e de Conselhos Regionais da França. Em 2004, negociou uma option para seu primeiro roteiro de longa-metragem, A INVASÃO DOS SACOS PLÁSTICOS, em LA. De volta ao Brasil desde 2005, escreve roteiros para João Jardim, Murilo Salles, Kim Chapiron (França) e Themba Sibeko (África do Sul). Membro do Colégio de Leitores do CNC. Professora de roteiro da Faculdade de Artes do Paraná e coordenadora da Oficina Escrevendo & Filmes, parceria com Tempo Glauber.

DISPAROS é seu primeiro longa-metragem como diretora. PRINCESINHAS participou do Laboratório Sesc -Senac 2011 (ex-Sundance) e do Talent Campus do festival de Berlim 2012, e é co-escrito com Felipe Sholl, vencedor do prêmio Teddy com o curta TÁ! no Festival de Berlim 2008.

ROTEIRISTA

Felipe Sholl

Roteirista carioca nascido em 1982, formou-se em jornalismo pela UERJ; estudou roteiro na Escola de Cinema Darcy Ribeiro. Teve seu primeiro roteiro de longa-metragem, AO LADO, selecionado para o Laboratório Sesc Rio (ex-Sundance) de Roteiros para Cinema, para o Talent Project Market do Festival de Berlim e para a 23ª Residência da Cinéfondation, do Festival de Cannes.

Seu primeiro curta-metragem, TÁ (2007), escrito e dirigido por ele, recebeu o Teddy Award no Festival de Berlim. Seu segundo curta, GISELA, estreou na Mostra de Cinema de São Paulo. Escreveu para os diretores Murilo

Salles, Sandra Kogut, Paulo Machline, Julia Murat, e Tata Amaral, grande vencedor do 44^o Festival de Brasília, com o prêmio de melhor roteiro. Foi ainda argumentista da coprodução entre Brasil e Uruguai ALÉM DA ESTRADA, de Charly Braun, e trabalhou como assistente de direção e pessoal de Jonathan Nossiter em RIO SEX COMEDY.

PRODUTOR EXECUTIVO **Tuinho Schwartz**

Produtor em atividade desde 1980, trabalhou em mais de 40 longas metragens. Produtor executivo de BOSSA NOVA e O QUE É ISSO, COMPANHEIRO?, de Bruno Barreto, AMÉLIA de Ana Carolina e FOR ALL de Luiz Carlos Lacerda e Buza Ferraz, entre outros. Participou de produções internacionais desde a década de 80: assistente de produção de BLAME IT ON RIO, de Stanley Donen; assistente de direção em THE EMERALD FOREST, de John Boorman e RUNNING OUT OF LUCK, de Julien Temple. Trabalhou com atores como Michael Caine, Demi Moore, Dennis Hopper, Mick Jagger,

Gérard Depardieu e Jean Dujardin. Em 2002, Tuinho fundou a FOCUS FILMS, empresa produtora de conteúdo próprio, além de prestar serviços   produções internacionais para Path  Films, Mandarin Cinema, Ridley Scott Associates, Believementia e Bikini Films; programas de TV para empresas como a BBC, France 3, ABC TV, Endemol e Associated Press, e para agências como BBDO, Wieden & Kennedy, Leo Burnet, Saatchi & Saatchi.

A FOCUS foi parceira na produção dos filmes SAN ANTONIO, de Frédéric Auburtin e OSS 117, RIO NE R POND PLUS, de Michel Hazanavicius, do qual Tuinho foi produtor executivo. Localmente, produziu o longa metragem CONDOR, de Roberto Mader (melhor documentário no Festival do Rio de 2007) e a comédia romântica ELVIS & MADONA; tem, em finalização, o longa metragem A LUNETTA DO TEMPO, escrito e dirigido por Alceu Valença, e o documentário de longa metragem RIO ANOS 70, de Mauricio Branco e Patrícia Faloppa; além de uma carteira de projetos, dentre os quais PRINCESINHAS, em desenvolvimento.

FILME DE GÊNERO OU FILME DE AUTOR?

Ainda que sem sentido, esse é um questionamento que ainda ocorre em muitas interlocuções.

Este é um projeto que pretende dialogar com uma audiência de uma maneira própria e original. Uma história narrativa, que ambiciona uma liberdade, livre de estigmas tanto da sociedade quanto da indústria.

PRINCESINHAS

é um filme de gênero, no sentido da intriga que mescla investigações e fantasmas, e de gênero, cujo enfoque fundamentalmente feminino busca novos arquétipos mais ligados à nossa sociedade contemporânea. Um filme narrativo, centrado no humano e voltado para uma grande interlocução com o público.



ESTRATÉGIA

Os olhos do mundo recaem sobre o Rio de Janeiro nos próximos anos: a Copa do Mundo e os jogos olímpicos criam uma convergência de expectativas. Dentre elas, a reputação da cidade maravilhosa ser tida como um verdadeiro paraíso dos sentidos e da sensualidade.

Para além disso, Princesinhas é portador de uma genética fundamentalmente bi-cultural, não apenas pelo universo que retrata - o personagem Didier personifica o intercâmbio sexual entre turistas e prostitutas; mas também pela trajetória pessoal da Juliana Reis, cuja dupla nacionalidade franco-brasileira, tende a viabilizar contratos dentro do patamar oficial dos acordos de co-produção internacionais mantidos com países europeus.

O projeto foi selecionado para os Encontros de Co-Produção Brasil-França, em 2008; participou do Laboratório SESC-SENAC (ex-Sundance) de 2011 e do Berlinale Talent Campus, em 2012 .

NACIONALMENTE.

A Focus Filmes assina, em associação com a Escrevendo & Filmes, a condução do projeto e a produção executiva do filme.

No ponto de vista institucional, contatos com coletivos da sociedade civil como as ONG DaVida, Daspu e CopaRoca visam compor de maneira realista esse universo, potencializando colateralmente uma dinâmica exponencial em termos de promoção e divulgação.

PARCERIAS JÁ ESTABELECIDAS

SYNAPSE SB TV Programming;
Estudios QUANTA;
CIA Fluminense De Refrigerante;

e o projeto se habilita a captar pelas leis de incentivo aos níveis municipal, estadual e federal, além da pré-venda para distribuidores e canais de TV, garantindo assim, não apenas injeção de recursos na produção, mas igualmente uma garantia de vida comercial para o filme.

O PROJETO

Totalmente filmado e pós-produzido com tecnologia digital, a produção prevê seis semanas de filmagem no verão de 2013.

O orçamento está estimado em R\$ 4M.

O público do filme Princesinhas é jovem e adulto, urbano, oriundo das classes A, B e C, estimado em mais de 3 milhões de espectadores.



CONTATOS

ESCREVENDO & FILMES

Juliana Reis

(21) 2239.0779

contato@escrevendoefilmes.com.br

FOCUS FILMS

Tuinho Schwartz

(21) 2527-0268

tuinho@focusfilms.com.br



FOCUS **FILMS**
BRAZIL



SYNAPSE



Secretaria de
Fomento e Apoio
à Cultura

Ministério da
Cultura



**OUR 2 LADYS
OF COPACABANA**